

LUÍSA BORGES, JOAQUIM PINTO¹

EDUARDO LOURENÇO: MISTÉRIO E CRÍTICA, O SORTILÉGIO DA ESCRITA

Eduardo Lourenço: mystery and criticism, under the spell of writing

Abstract

This article discusses Eduardo Lourenço's essay writing, considering it a turning point in Portuguese and European essay writing. Starting from Eduardo Lourenço's critical reservations regarding the Portuguese Philosophy movement, we reflect on his Metaphysical reflection unfolded on two levels: the physical materiality of his discourse as criticism and metacriticism; and its object, embodied in a constant reflection on Time or temporality. We will therefore consider how the poetic-philosophical dimension of Eduardo Lourenço's thought is rooted, ontologically, in a meta-criticism that is, in the limit, an anti-theory of literature, insofar as this is required by the objects themselves or by poetic texts.

Keywords: *Saudade*, double, osmosis, abyss, shatter

Resumo

Este artigo discorre acerca da escrita ensaística de Eduardo Lourenço considerando-a como um ponto de viragem na ensaística portuguesa e europeia. Partindo das reservas

¹ Investigadores do Instituto de Filosofia da faculdade de Letras da Universidade do Porto

críticas de Eduardo Lourenço, ao movimento da Filosofia Portuguesa, refletimos acerca da sua reflexão Metafísica desdobrada em dois planos: a materialidade física do seu discurso enquanto crítica e metacrítica; e o seu *objeto*, consubstanciado numa reflexão constante sobre o Tempo ou a temporalidade. Consideraremos, assim, como a dimensão poético-filosófica do pensamento de Eduardo Lourenço radica, ontologicamente, numa meta-crítica que é, no limite uma anti-teoria da literatura, na medida em que essa é uma exigência requerida pelos próprios objetos ou pelos textos poéticos.

Palavras-chave: Saudade, duplo, osmose, abismo, estilhaçar

...não somos mais do que o que sonhamos nos sonha...

Eduardo Lourenço

Falar sobre o pensamento de Eduardo Lourenço afigura-se como uma tarefa difícil; pensar e escrever sobre a escrita de Eduardo Lourenço afigura-se como uma tarefa extraordinariamente difícil. São conhecidas as reservas críticas de Eduardo Lourenço, no *Labirinto da Saudade*, relativas ao movimento da Filosofia Portuguesa ou ao próprio Saudosismo², avisos à navegação crítica pelas águas oceânicas da Saudade, que podem ser entendidos, porventura, numa dimensão estético-política. Nesta nossa pequena navegação adentro da escrita de Eduardo Lourenço iremos limitar a nossa cabotagem a dois aspetos que, no contexto da enunciação escrita do pensamento de Eduardo Lourenço, se nos afiguram como importantes, a saber, a sua reflexão Metafísica desdobrada em dois planos: sendo o primeiro, a materialidade física do seu discurso acerca do que nomeia, em «Crítica e Metacrítica», nas linhas auto-prefaciais que antecedem *Tempo e Poesia*, como «acto crítico autêntico», sendo este o seu método de abordagem reflexiva; e o segundo, o seu objeto, ou aquilo que nomeia como «o fio condutor do que venho fazendo», isto é, «uma reflexão constante sobre o Tempo. Ou melhor, a temporalidade»³. Dado que para Eduardo Lourenço a sua biografia se encontra plasmada nas análises e revisitações críticas dos textos dos autores, em particular dos poetas acerca dos quais, preferencialmente, escreveu (pensamos aqui em Pascoaes e, sobretudo, em Antero, Guerra Junqueiro, Camões ou Pessoa), e que, segundo as suas próprias palavras «eu falo de mim em todos os textos»,

² Neste ensaio, Eduardo Lourenço refere-se ao Movimento 57 como o «famigerado movimento da célebre filosofia portuguesa», expressão crítica, porventura forte, mas que representa para Lourenço «talvez a primeira tentativa de uma *contra-imagem cultural* da realidade portuguesa para inverter toda a mitologia de tradição liberal e iluminista e em particular aquela que confessada ou inconfessadamente, *tentou refazer nessa linha a imagem nacional*, quer dizer, a da geração de 70». Eduardo Lourenço, «Da Literatura como interpretação de Portugal», *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1982, pp. 37, 38, 85-126.

³ Eduardo Lourenço, in *Diário de Notícias*, 21/3/1998.

sejam estes «sobre política, literatura, ou qualquer outra coisa»⁴, deixaremos também de fora destas nossas breves anotações as balizas biográficas ou mesmo, bibliográficas do Autor.

Escritor de múltiplos ensaios compilados, no decorrer dos anos, em numerosos volumes acerca de temas de cultura, política, de prosa ficcional, mas sobretudo de poesia, sempre enraizados em meditações filosóficas, numa demanda acerca dos lugares referenciais – ou da sua perda - para a cultura portuguesa numa radical, decantada e, por vezes, desencantada pós modernidade ocidental e universal; o pensamento de Eduardo Lourenço desenvolve-se numa escrita que se assume como um lugar de psico-análise, quasi fenomenológica, quasi existencial que, apesar de fundado em alguns dos referenciais, criticamente tomados dos três mestres da inquietação, o par Freud-Jung, Marx e Nietzsche, ou por causa disso mesmo, não se estrutura este pensamento – nem vocacional, nem intencionalmente – num edifício concetual sistemático, seja ele qual for. Mas antes opta pelo que de paradoxalmente líquido e fluído, mas também de incandescente e ardente pode ser a assumpção dialética e dialógica, de raiz mais intuitiva, mais chegada a Platão do que a Aristóteles, e subjaz a uma prática ensaística, libertada de redes analíticas e concetuais prévias... menos escolasticamente presa a pressupostos de correntes ou movimentos literários e filosóficos... e mais anarquicamente livre de peias...

Daqui a adoção de alguns títulos, particularmente significativos como *Heterodoxias* (1949, 1967), ou a combinação em títulos de ideias quase eivadas de uma popularização da cultura, ou de uma cultura *pop* como *O Marxismo Nunca Existiu* (1976) ou *O Canto do Signo* ([1957-1993]1994)..., títulos que atestam a vocação de polemista do autor, potenciando o seu distanciamento crítico e a sua insubordinada autonomia, as suas viagens e radicações pelos lugares de distanciamento geográfico europeus e brasileiro que foi escolhendo e percorrendo, nunca perdendo, não obstante, o pé e o pulso relativamente à vida político-cultural portuguesa, mas antes revisitando-a, por dentro, de forma obsessivamente crítica. Esta insubornável independência crítica, livre de barricadas ideológicas ou literárias, valeram-lhe incompreensões, *desleitur*as, antipatias e epítetos, como os de João Gaspar Simões, em artigo crítico no *Diário de Notícias* (de 13-10-83), onde este termina uma aparente e, na verdade, mordaz glosa elogiosa a *Poesia e Metafísica* ([1960]1983) com a frase «E este não é o menor dos encómios que poderão bafejar um grande ensaísta como Eduardo Lourenço: grande ensaísta, não grande crítico, entenda-se»⁵.

Com efeito, parece ter escapado a João Gaspar Simões a dimensão poético-filosófica do pensamento de Eduardo Lourenço radicando esta, ontologicamente, numa meta-crítica herdeira como, certamente, apontou Guilherme d'Oliveira Martins «de Herculano e de Garrett» e que «centrando-se na exigência emancipatória

⁴ Eduardo Lourenço, in *Diário de Notícias*, 21/3/1998.

⁵ J. G. Simões, *Diário de Notícias* (13/10/83).

da Geração de 70», cultuou, radicalmente, a «crítica enquanto fator de liberdade e progresso», *demarcando-se* «da religiosidade tradicional» e *buscando* «um sentimento universal»⁶. Trata-se aqui, não da realização – apenas - de uma crítica literária, mas da práxis de uma meta-crítica, isto é, como referiu Eduardo Prado Coelho, de «uma ontologia da literatura (que é simultaneamente, na sua linha de fronteira, uma anti-teoria da literatura (...))»⁷ ... Há uma ideia de caos, de desordem geradora⁸ que é a declinação de uma herança romântica já decantada pela ironia do realismo ou mesmo da sua paródia surrealista. Tanto o idealismo hegeliano, quanto o materialismo dialéctico seriam as duas faces de uma mesma «tentação humana», exprimindo ambos, desde o *Génesis* bíblico uma «tentação do absoluto» que se jogaria nas imagens da necessidade e da aparência⁹, numa impossível coincidência dos opostos, manifesta em toda a sua tragicidade no salto de fé proposto por Kierkegaard: «A fé não precede a reflexão, salta-a»¹⁰. Não se trata de realizar metódica ou sistematicamente um processo, como nas dialécticas hegeliana ou marxista, mas de o desfazer por meio de uma dialéctica existencial, vivida e sentida e não abstrata ou conceptualmente pensada. Não há nenhum «movimento universal do Espírito» ou da «Matéria», mas a descrição de um encontro existencial e trágico, entre o Humano e o Divino, que se realiza numa dialéctica do desespero que é, paradoxalmente, o lugar sentimental da origem da fé e da falha emocional ou pecaminosa que é a sua múnua. O salto de fé é duplo, faz-se sobre a razão e para dentro de um Abismo hiante inominável; o mais longe deste salto não é razão, nem método, nem sistema; é um mais fundo para baixo porque o abismo está dentro do coração humano.

Dois caminhos, aparentemente diversos, se abrem neste mergulhado salto, mas que no seu discorrer, ou na sua ascensão que é uma queda se entrelaçam: a criação demiúrgica que a poesia realiza e ou a implosão estilizada do poeta ou do sujeito dessa queda, nesse anti-processo processional. A aceitação genuína de um destino abissal parte de um abandono, de uma entrega de corpo e de alma – e do corpo e da alma – a esse vazio hiante: uma ausência de si a si, uma rendição absoluta e incondicional a uma Ausência radical, a um Nada que é o tudo do que o ser humano não é. Um destino que é um desejo insaciável de sentido. E eis que a mais radical consciência romântica ocidental se abeira das portas da modernidade, nas palavras de Eduardo Lourenço, acerca da *dialéctica* mítica da nossa modernidade:

O espírito da Modernidade é o de uma epopeia do Negativo, o que não quer dizer, ao menos para nós, uma negativa epopeia. Com ele entramos no

⁶ G. O. Martins, «Eduardo Lourenço», <https://www.eduardolourenco.com/textos/textos/00-Guilherme-Oliveira-Martins.html>, Centro Nacional de Cultura. Consultado em 08/03/2024.

⁷ E. P. Coelho, «Missão Impossível», *Público-Leituras* (sábado 27/5/1995).

⁸ Cfr. A. C. Franco, *O triângulo mágico. Uma Biografia de Mário Cesariny*, Quetzal, Lisboa, 2018, p.61.

⁹ E. Lourenço, *Heterodoxias* (Obras Completas, 2), Gulbenkian, Lisboa, [1949] 2012, pp.70-71, 74.

¹⁰ Lourenço, *Heterodoxias*, op. cit., pp. 280-282.

reino do anti-herói, passivo em Flaubert, activo em Baudelaire e Rimbaud, já profeticamente gémeo do novo-herói da marginalidade triunfante que hoje nos rodeia assinalando o termo da dissolução do universo burguês¹¹.

A suposta ordem racional e sistémica de uma crítica literária, tanto presenciada, como neo-realista cede lugar ao caos criador de uma meta-crítica que é uma poética, pois essa é uma exigência requerida pelos próprios objetos ou pelos textos poéticos de que essa mesma crítica se ocupa. Esta meta-crítica opera, na expressão de Eduardo Lourenço, por osmose, como se, afirma Eduardo Lourenço, «o meu discurso sobre ela fosse uma espécie de duplo, não do seu próprio discurso (...) mas da claridade, da evidência interna, do movimento, em suma, da vida iluminante, que na obra existe, por ser o que é»¹². Há uma urgência, nas obras mesmas, que clama por uma interpretação diversa, também, tanto do simbolismo saudosista quanto do idealismo racionalista sergiano, ambos de matriz mais estética um e mais conceptual, o outro, irmanados, para além das suas evidentes diferenças, por um mesmo intelectualismo, demasiado redutor. Há um *pathos* intelectual e passional que está inscrito na obra, em particular na poesia, e que dita as condições mesmas da sua exegese. A luz da obra, a sua iluminação e, portanto, a sua meta-crítica está, em parte, cifrada na sua literalidade e historicidade, mas estas devem ser entendidas não à luz da sua circunstância epocal presente, mas da luminosidade que aportam tanto do e ao passado, quanto do e ao futuro. Por esta razão, a meta-crítica ou a poética interpretativa de Eduardo Lourenço é uma metafísica.

Uma vez aqui chegados, afiguram-se como fundamentais o título e, sobremaneira, o subtítulo de *O Labirinto da Saudade, a Psicanálise Mítica do Destino Português*; e em «Poética Mítica», no primeiro capítulo do volume *Tempo e Poesia*, o ensaio inaugural, «Esfinge ou a Poesia». A Saudade não é vista aqui como um mero ismo estético-literário, mas como um arquétipo na sua dimensão mítico-simbólica profética e futurante. Estamos sob o signo da contaminação discursiva que o anti processo processional da osmose poético-literária e filosófica reflexiva e discursiva inaugura. Quando falamos de metafísica, falamos de uma concepção arquetípica do espaço e do tempo, especificamente portuguesa, ligada inextricavelmente ao espaço e tempo, europeus, e do entrançado complexo da ligação da Europa ao mundo, por meio da qual esta se manifesta. Os dois polos que, sinteticamente, referenciam e simbolizam os nós deste entrelaçado barão são as obras de Pascoaes e de Pessoa, declinadas a partir dos arquétipos da Natureza, da Noite e do Abismo, como prefigurações ou manifestações da Ausência e do Nada, como hipostasias ou hierofanias modernas para uma poderosa e misteriosa sobrenaturalidade que o cristianismo na sua dimensão

¹¹ E. Lourenço, «Dialéctica Mítica da Nossa Modernidade», *Tempo e Poesia*, Relógio d'Água, Lisboa, 1987, p. 186.

¹² E. Lourenço, «Crítica e Metacrítica», *Tempo e Poesia*, Relógio d'Água, Lisboa, 1987 p. 18.

institucional já não representa. Conceção basilar da reflexão de Eduardo Lourenço dada pela condição de possibilidade crítico-criativa que a osmose é, e que, tendo suscitado previsíveis abalos na temporalidade do Estado Novo, havia de gerar progressiva aceitação depois de Abril de 1974. A este propósito, muitas referências poderíamos sinalizar quer em Pascoaes, quer em Pessoa, semelhantes àquelas acerca das quais Eduardo Lourenço reflete, ao longo da sua extensa obra. Escolhemos ilustrar este ponto com uma breve citação de Pascoaes, a partir da edição de 1916 de *A Beira, Num Relampago* (sic), e que reza assim:

As cidades lembram chagas roendo a verde epiderme da terra. E o homem é um microbio mau que destrói a Natureza. (...) Eis-nos em frente da Sé (...). Sobre um solo de esqueletos desfeitos, perante imagens sangrentas do Senhor, há vultos de mulher ajoelhados. Vestem de negro. Exalam penitência e viuvez. A distancia, o murmúrio das suas rezas perde o sentido, e é o som duma aragem que perpassa. E Deus saberá distinguir a voz humana da voz das cousas?¹³ (...) [E mais à frente, conclui, Pascoaes] o riso português encobre um Deus defunto (...) ¹⁴.

E com outra, mais longa, possivelmente de 1914, do inevitável *Livro do Desassossego* de Pessoa:

Pertenço a uma geração que herdou a descrença na fé cristã (nota: *no facto cristão*) e que criou em si uma descrença em todas as outras fés. Os nossos pais tinham ainda o impulso credor, que transferiam do cristianismo para outras formas de ilusão. Uns eram entusiastas da igualdade social, outros eram enamorados só da beleza, outros tinham a fé na ciência e nos seus proveitos, e havia outros que, mais cristãos ainda iam buscar a Orientes e Ocidentes outras formas religiosas, com que entretivessem a consciência, sem elas oca, de meramente viver. // Tudo isso nós perdemos, de todas essas consolações

¹³ Veja-se, quanto mais não seja, a título de curiosidade, a interessante semelhança entre estas palavras de Pascoaes e a seguinte meditação autobiográfica de Eduardo Lourenço de 1991: « De regresso de um passeio breve abro a cancela do jardim e deparo comigo absorto diante do cipreste que projecta a magra sombra no branco da casa. Assim, distraído de mim, no intervalo de nada, descobri num segundo que são as coisas que nos amam e não o contrário. Em silêncio amparam-nos por existir sem ter consciência e esta calada vida é um olhar pousado sobre nós. Um aceno sem olhos, um abraço sem mãos. De quem?», E. Lourenço, «O Romance Diário de Eduardo Lourenço», [Vence, 3 de Fevereiro de 1991], «Público-Magazine», *Público*, Lisboa (21/IV/1996), p. 48. A forma-fórmula parece próxima do *Livro do Desassossego* ...«Meditai hoje, num intervalo de sentir...»... e o conteúdo deambulatório, bem como a conclusão, próxima de Pascoaes... Ou seriam, antes ou também próximos de Rousseau nos *Devaneios do Caminhante Solitário*? Recordemos que este livro de Rousseau foi escrito nos seus derradeiros anos, provavelmente, entre 1776 e 1778. O livro seria publicado postumamente em 1782. Nele se conjugam as deambulações do filósofo pela natureza com a reflexão característica do ensaio filosófico e a escrita diarística.)

¹⁴ T. Pascoaes, *A Beira Num Relampago*, Edição da «Renascença Portuguesa», Porto, 1916, pp. 81, 85 e 80.

nascemos órfãos. Cada civilização segue a linha íntima de uma religião que a representa: passar para outras religiões é perder essa, e por fim perdê-las a todas. // Nós perdemos essa, e às outras também¹⁵.

As duas vozes parecem sintonizar-se, a partir da mesma égide tutelar e misteriosa de uma mesma Ausência, que o sortilégio da escrita de poesia invoca, evoca, esconjura e realiza, segundo Eduardo Lourenço, tomando, não obstante, diferentes direções: «Como a de Pessoa, a visão de Pascoaes está suspensa de uma Ausência, mas de uma ausência sensível, diversa do nada proliferante de que a de Pessoa é o símbolo»¹⁶, afirma Eduardo Lourenço¹⁷...

O clássico labirinto grego de Teseu retoma, no caos da modernidade e da pós modernidade, o seu intrínseco carácter arcaico, animal, selvático e misterioso. O sinuoso e frágil fio de Ariadne é tecido, passo a passo, por entre paredes moventes e caleidoscópicas onde se projetam imagens vertiginosas, ou caminhos feitos e desfeitos de um caos originário, mas sempre gerador de palavras de preces ou de imprecações que vão mudando, constantemente, de lugar, numa sobreposição de espaços e de tempos ininterrupta... Mas as paredes e o termo, mesmos, deste labirinto representam o Abismo da condição humana, enquanto um destino visionário e profético, como se o labirinto fosse o trilho traçado pela serpente Midgard, mordendo permanente e indiscriminadamente... a sua própria cauda ou o próprio corpo real, mítico e místico do seu percurso... um destino que se entende a si mesmo como uma vocação, uma maldição e uma danação e, simultaneamente, como a sua celebração poética, misteriosa e sortilêga.

E aqui, como Ricoeur, na esteira de Nietzsche, Eduardo Lourenço retoma, recupera ou, talvez, melhor dito, reinventa a metáfora solar da Luz e da iluminação como o *pathos* ensaístico ou discursivo da modernidade. A poesia existe, é a Obra ou a vida iluminante, este é o seu corpo -textual - labiríntico e serpentino. Não interroga, responde. A meta-crítica é o seu duplo, a sua sombra, paradoxalmente clara e evidente que a figura incandescente de Teseu, portadora de sentido libertador, constrói e desconstrói a cada passo, mirada ou morada da hermenêutica do seu sentido ou caminho. Escreveu Pascoaes em Santo Agostinho, em 1945: «Toda a luz é perseguida por uma sombra; e é na sombra que devemos perscrutar a incógnita da

¹⁵ F. Pessoa, *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*, Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho (1), Ática, Lisboa, [s.d., posterior a 1914?] 1982, p. 195.

¹⁶ E. Lourenço, «Prefácio», T. Pascoaes, *Marânus*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1990, p. 8.

¹⁷ Embora também tenha afirmado, em ensaio dedicado ao Orfeu, «Uma sensibilidade que quer atingir a transparência da inteligência acaba por mergulhar a inteligência na confusão luminosa da sensibilidade. Parte da dialéctica de Pessoa repousa sobre esta fatalidade da consciência.», E. Lourenço, «Orfeu ou a Poesia como Realidade», *Tempo e Poesia*, Relógio d'Água, Lisboa, 1987, p.48.

luz»¹⁸. A Noite abissal de fundura e precipício e abismal de perplexidade humana não apenas se inscreve nesta dinâmica dialéctica entre Luz e Sombra, como será em Pascoaes lugar de origem primeva, caótica e genésica e de términos de sentido, igualmente caótico, em Pessoa, poderemos perguntar-nos? Todavia, não podemos esquecer que a serpente Midgard é uma prefiguração do arquétipo da Ouroboros, a mítica serpente ancestral que desenha, no seu movimento circular ininterrupto, a representação de uma infinitude, sem princípio, nem fim, ou a sua justaposição ou indefinição permanentes. Metamorfose, ressurreição, fertilidade, transcensão de limites, mais do que ascensão e queda. Recordemos que não há religiões de mistério – ou poucas haverá – que não tenham a serpente, tanto na sua dimensão ctónica, quanto aurífera como atributo, entre muitos outros sortilégios, como o da cura catártica ou da sabedoria... Mordeduras que ferem e cauterizam.

Terminamos com duas conclusões estas brevíssimas anotações. A primeira. Integra-se o pensamento de Eduardo Lourenço e a sua expressão escrita ensaística dentro de uma linhagem da Filosofia Portuguesa que conjuga naquele oxímoro passionai – im-mas-possível ou passível - poesia e filosofia ou Filosofia e poesia, cujos casos, mais diversamente paradigmáticos seriam Antero, Guerra Junqueiro, Pascoaes ou Pessoa.

A segunda. Não será, pois, porventura, demasiado ousado pensar, dizer e escrever que... Há uma ensaística pós Eduardo Lourenço que terá de pensar-se a si mesma como uma meta-crítica, entendida esta como uma poética da própria crítica; ou que, do menos, terá de ter como referência a proposta poético-filosófica hermenêutica e interpretativa, mas, de igual modo, criativa de Eduardo Lourenço. De algum modo, todos os leitores-críticos de poesia hão de ser, mesmo que se queiram a si mesmos como contra-discípulos, ainda assim, e até por essa mesma razão, discípulos de Eduardo Lourenço.

¹⁸ T. Pascoes, *Santo Agostinho (Comentários)*, Livraria. Civilização, Porto, 1945.

Referências bibliográficas

- Coelho, E. P., «Missão Impossível», «Leituras», *Público* (sábado, 27/5/1995).
- Franco, A. C., *O triângulo mágico. Uma Biografia de Mário Cesariny*, Quetzal, Lisboa, 201
- Lourenço, E., *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1982.
- *Tempo e Poesia*, Relógio d'Água, Lisboa, 1987.
- «O Romance Diário de Eduardo Lourenço», [Vence, 3 de Fevereiro de 1991], *Público*, Lisboa (21/IV/1996).
- *Diário de Notícias* (21/3/1998).
- *Heterodoxias* (Obras Completas,2), Gulbenkian, Lisboa, 2012.
- Martins, G.O. «Eduardo Lourenço» <https://www.eduardolourenco.com/textos/textos/00-Guilherme-Oliveira-Martins.html> . Centro Nacional de Cultura. Consultado em 08/03/2024.
- Pascoes, T., *A Beira Num Relampago*, Edição da «Renascença Portuguesa», Porto, 1916.
- *Santo Agostinho (Comentários)*, Livraria Civilização, Porto, 1945.
- *Marânus*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1990.
- Pessoa, F., *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*, Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho (1), Ática, Lisboa, [s.d., posterior a 1914?] 1982.
- Simões, J. G., *Diário de Notícias* (13/10/83).